

# A ESCOLA PRIMARIA

— REVISTA MENSAL —

Director: ALFREDO C. DE F. ALVIM  
Superintendente de Educação Elementar  
REDACÇÃO: RUA SETE DE SETEMBRO, 174  
RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil } um anno.... 12\$000  
                  } 6 mezes..... 6\$000

## SUMMARIO

Red.....	A obra dos Congressos Paz pela escola	Firmino Costa.....	A Leitura
Dr. Pedro Ernesto... Alba C. Nascimento.....	Discursos proferido na Escola Ar- gentiua.	Pedro A. Pinto..... Mestre Escola..... Maria N. Barcellos.....	Lingua Materna Tres Palavrinhas Escola Uruguay Applicação de testes nas escolas primarias.
Jonathas Serrano .....	A aula inaugural de Historia da America no Collegio Pedro II	Dinah Guahyba.....	Pratica da Escola Nova

## A OBRA DOS CONGRESSOS

*Não ha negar que a realização de congressos scientificos, educacionaes, e outros, forneça resultados apreciaveis. Certo não podem ter autoridade para criar e decretar normas, preceito e regras, mas contribuem largamente para a ventilação de assumptos importantes e não raro interessantissimos, e sobretudo põem em contacto homens de plagas distantes, os quaes trocam idéas e mutuamente se estimulam.*

*Tal a obra dos Congressos de Educação, que se vêm realizando desde varios annos, e acabamos exatadamente de acompanhar os trabalhos de um delles, recentemente reunido no Rio de Janeiro sob os applausos de quantos se interessam pela cultura do paiz.*

*Nessa semana em que se congregaram tantos embaixadores, tantos entusiastas da causa do ensino, coube sem duvida á administração do ensino municipal papel bem preponderante, quer nas grandes demonstrações esportivas, quer nas visitas aos estabelecimentos escolares recentemente inaugurados e que representam o florão de gloria da atual administração.*

*Não cabe nesta pagina a narração dos factos, de que deu amplas e circumstanciadas noticias a imprensa diaria. Mas parece-nos consentaneo e justo enaltecer a brilhante atuação do eminente director, sr. Anisio Teixeira, a quem couberam merecidamente os louros mais consideraveis, as glorias mais luzidas.*

*Muito teve elle para mostrar, quer em edificios escolares, quer em funcionamento de cursos de toda especie, quer finalmente na demonstração esportiva, que foi um dos mais interessantes numeros do bem elaborado programma, e os proprios estrangeiros, nossos amigos da Argentina que pela mesma occasião nos visitaram hão de ter levado gratissimas recordações.*

*Receba, pois, o Districto Federal effusivas congratulações pelo que soube exhibir e ainda pela intelligencia e dedicação desse joven administrador que á frente das coisas referentes ao ensino municipal é um animador, um estimulador incomparavel, a quem já muito se deve e de quem ainda muito é lícito esperar.*

## A Inauguração do novo predio da Escola Argentina

Na solemnidade da inauguração do novo edificio da Escola Argentina o Sr. Dr. Pedro Ernesto pronunciou o seguinte discurso:

Tão ligada e entrelaçada é a vida americana, Sr. Embaixador, que a independencia de uma nação é commemorada em toda a extensão do continente.

A independencia da Nação Argentina, que remonta a 1810, pela sua prioridade, é, entretanto, uma das maiores datas continentaes. A data que consagrou a epopéa da emancipação de todo um continente.

Participando, deste modo, da vossa festa nacional, a vida soberana das nossas duas nações ainda mais profundamente nos uniu e ligou, pela historia, muitas vezes commum, pela harmonia dos interesses e pela identificação dos propositos e objectivos nacionaes.

Se a amizade e a união tradicionaes e fraternas entre a Argentina e o Brasil têm as

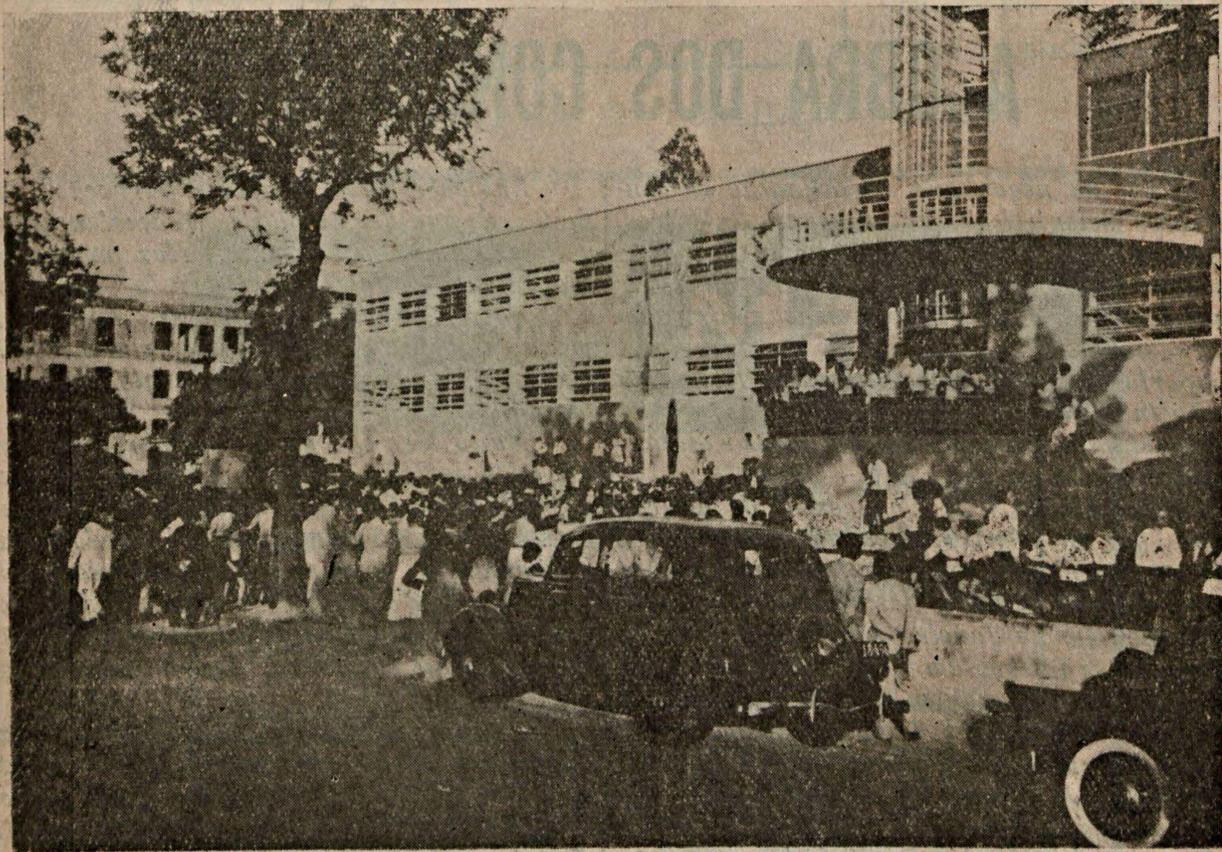
fecto que sobrevêm á proximidade e intimidade maiores dos nossos paizes.

A visita do Presidente da Nação Argentina ainda ecoava em nossos corações e já o Presidente do Brasil a ia retribuir para receber da nobre nação irmã a mais affectuosa e a mais ardente das acolhidas que teve em paiz estrangeiro, algum chefe de Estado.

Todos esses movimentos de amizade e apsa casa!»

proximação, Sr. Embaixador, não se concretizam, na vida de um paiz, sinão pela vida de suas escolas.

Ninguém o sabe, tão profundamente, quanto o Sr. Embaixador, que tão directamente se ligou á educação e á obra da paz pela escola. Pois, aqui está a vossa obra.. E' aqui,



Novo edificio da Escola Argentina

suas phases, como tudo que vive, de crescimento e intensificação, estamos, presentemente, vibrando a uma dessas expensões de af-

na escola, que os sentimentos de solidariedade e affecto entre os nossos paizes se recolhem para que possam ser mantidos, cul-

tivados e estimulados.

Que melhor local, pois, poderíamos ter para commemorar a festa nacional argentina, que o da Escola Argentina, que se reabre hoje, em sua nova séde, para receber e acolher as crianças brasileiras que aqui aprendem a ser os amigos da Argentina.

A inauguração desse novo predio, mais ambrigar a Escola Argentina, é a nossa homenagem, a homenagem da cidade do Rio de neiro á grande nação irmã.

Nesta casa da Argentina, no Brasil, a grande obra de arte e educação que se ha de realizar, é a obra de cultivar e fazer florescer a amizade argentino-brasileira.

Declarando-a inaugurada, Sr. Embaixador, eu saúdo a vossa Nação pela sua grande data nacional e vos declaro bemvindo nesta vossa casa.

### Oração de D. Alba Cañizares Nascimento

«Professores argentinos.

Uma palavra de homenagem em nome de uma instituição especial, a mais profundamente representativa do magisterio argentino e do megisterio brasileiro, de todo o magisterio

americano: a Secção «Paz pela Escola».

Tudo commove profundamente aqui: a epheride significativa de extensão continental, o meio suggestivo, as personalidades excelsas que se congratulam no mesmo pensamento e na mesma emoção, e, sobre-pairando como um symbolo, como um ideal, a figura consagrada de patriarcha da educação argentina, do apóstolo, do evangelista da escola moderna, o mestre dos mestres, D. Pablo Pizzurno, dos homens mais amados da Argentina, essa veneravel figura representativa do magisterio americano, que, aqui entre nós, é como se revivesse, animada, poderosa, a figura inspiradora e immortal de Sarmiento.

Crianças e mestres do Brasil — grave em vossa lembrança o retrato symbolico de D. Pablo Pizzurno, o philosopho e o pratico da fraternidade americana, o idealista, o moralista da argentinidade, o sociologo do patriotismo, o educador da bondade, o reformador, o mestre por excellencia, que illumina cerebros e corações, o apóstolo inspirado da democracia e da liberdade, de prestigio internacional, aquelle que encarna o glorioso idealismo e á esperança da America. Vede-o,



Aspecto do almoço oferecido, pelo Departamento de Educação, ao professor D. Pablo Pizzurno, no dia do anniversario do illustre educador argentino

crianças, esse typo de homem superior, figura soberba, para uma escultura, como que em vida já plasmado em mármore animado. Contemplae-o, mestres do Brasil e homenageae-o com o vosso amor. Somos todos os «encantados» de *D. Pablo*, sementeiro de ideias e de esperanças, de bem e de beleza. Guardae-lhe a expressão de suprema dignidade, os seus cabellos brancos luminosos, aureolando com a mocidade dos olhos azues radiantes, vivos e alegres. Vêde bem: não é um velho, é um joven de setenta annos, symbolizando a eterna juventude da educação.

Este ambiente maravilhoso, esta festa deslumbrante pela sua significação social, são scenarios dignos dos acontecimentos soberbos que aqui se desenrolam: a alma da Argentina e a alma do Brasil num abraço fraterno e symbolico dos seus sentimentos e propósitos de paz.

Abraçam-se os educadores do Brasil e da Argentina — os educadores, o pensamento mais puro e o coração mais fervoroso da humanidade; abraçam-se os estadistas do Brasil e da Argentina; Presidentes *Getulio Vargas*, e *General Justo*; abraçam-se os seus diplomatas da Paz — *Macedo Soares*, *Saavedra Lamas* e *Ramón Cárcano*, o antigo e immortal director do Consejo Nacional de Educacion, que criou a «Paz pela Escola»; abraçam-se os chefes da educação dos dois grandes paizes irmãos; unem-se a infancia do Brasil e a infancia da Argentina; entrelaçam-se as suas bandeiras, o pavilhão estrellado e o labarô azul e branco *Belgrano*; levantam-se aos céos as mesmas esperanças; e cantam os mesmos jubilos; unifica-se o futuro glorioso de um e de outro povo.

Nenhuma commemoração civica pôde ser maior e mais bella do que essa.

Não conheço na historia da educação dos

povos, nenhuma pagina assim esplendida como esta, gravada em luz nos céos da Argentina e do Brasil, que consagram a Paz, e a consolidam pela educação, numa obra scientifica e systematica de confraternização americana, chamando a infancia á regeneração da humanidade.

Um dos monumentos espirituales desta conquista suprema, deste triumpho da civilização americana, é o gesto exemplar do nosso Departamento de Educação, criando e officializando no *Systema Escolar do Rio de Janeiro* uma instituição unica nas organizações do ensino da America e do Mundo — a Secção «Paz pela Escola», tendo como objectivo a educação das relações internacionaes e a confraternização americana.

E' esta a collaboração maior do Brasil á educação pacifista da America e a homenagem maior aos seus educadores.

Ante a eloquencia desses factos, não cabem palavras.

Falam estes acontecimentos solennes, na sua significação empolgante.

Cantam realidades de uma suprema belleza, linguagem que é poesia, que é amor, que é oração.

Scintillam as constellações dos nossos ideias.

Neste momento, nesta escola-cathedral, bem-dizemos, amamos e oramos pela felicidade da America livre e solidaria.

Argentina e Brasil, pelos seus educadores serão sempre as columnas eternas do direito, da liberdade e da confraternização.

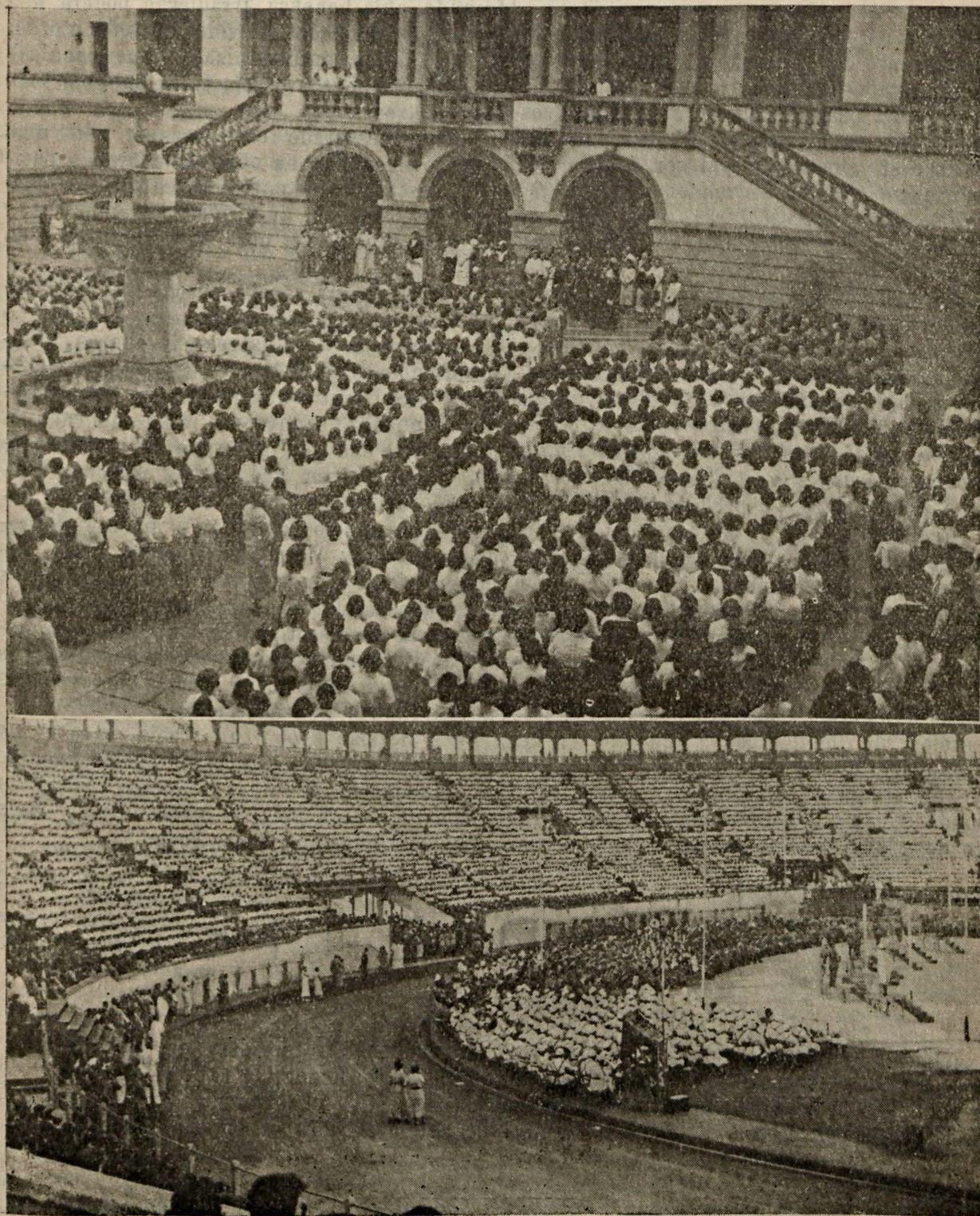
Esta escola magnifica, por este momento eterno de consagração á fraternidade continental, ficará como o templo educacional da Paz, o templo immortal da America.

Com este voto supremo vos saudamos — Professores Argentinos, que tão bem symbolizaes o futuro glorioso da America!»

*As assignaturas d'A Escola Primaria podem ser tomadas, em qualquer época pelo preço de 12\$000 por anno para o Districto Federal e para os Estados.*

*Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Redação d'A Escola Primaria — Rua 7 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro.*

## O Canto Orpheonico nas escolas municipaes



Em cima, os alumnos das escolas secundarias; em baixo, 20.000 crianças das escolas primarias

## Paz pela Escola

Entre as mais louváveis iniciativas do Departamento de Educação podemos destacar a da fundação, no Instituto de Pesquisas, da Secção «Paz pela Escola», cujos objectivos estão explicitos no acto de 25 de maio, em que diz o sr. Director Geral ser a nova instituição *“destinada, de modo geral, a fomentar, entre os escolares, o espirito de conciliação e paz social e, de modo especial, a formação dos sentimentos e dos propositos pan-americanistas, proporcionando ás novas gerações o sentido da civilização americana e dos seus interesses economicos, politicos e moraes. Com este fim, promoverá o desenvolvimento de instituições infantis e juvenis visando o entendimento entre os povos e particularmente, a consciencia da solidariedade americana, organizando os aparelhos necessarios á sua expansão e coordenação”*.

Realmente, dar á escola o objetivo da educação pacifista, baseada em principios científicos, em possibilidades reais de fundo economico e juridico, é das diretrizes mais benemeritas, correspondendo aos anseios de todos os verdadeiros educadores.

Infelizmente, nem todos os Governos seguem a inspiração pacifista dos verdadeiros apóstolos da humanidade, achando-se, em tantos paizes do Velho Mundo, a escola a serviço da guerra. Na America, porém, tudo convida á paz e á solidariedade para um futuro de grandeza. Condições geograficas, his-

toricas, etnicas e politicas facilitam a aproximação cordial dos paizes irmãos do Novo Mundo na prática de um pan-americanismo fecundo, cuja benefica irradiação poderá melhorar as condições da vida em toda o orbe. No sentido da confraternização americana especialmente deve a escola trabalhar com todo o entusiasmo.

O professorado carioca tem tido uma atuação exemplar na obra da educação pacifista, destacando-se entre nós educadores illustres, ás dezenas, que vêm trazendo o seu precioso concurso á obra da cooperação e da paz.

Para dirigir a nova secção do Instituto de Pesquisas foi designada uma das nossas mais abnegadas e illustres educadoras, a Superintendente de Educação Prof. Alba Canizares Nascimento, que vem tendo uma atuação fecunda e segura no ramo delicado da pedagogia das relações entre os povos. De longa data se vem dedicando a estimada educadora carioca ás questões da pedagogia pacifista, havendo colaborado ativamente na fundação da Cruz Vermelha Juvenil, uma das mais antigas e mais admiráveis organizações de crianças trabalhando para a paz, na organização do Escotismo Escolar, na administração Fernando de Azevedo e na adaptação do pan-americanismo ás escolas, atravez dos novos Clubes Pan-Americanos.

A ocasião é oportuna, pois, para que o nosso magisterio preste o seu eficaz concurso ás finalidades da nova Secção, realizando assim uma obra béla e proficua pelo mais alto ideal humano: a paz social.

## EXPEDIENTE

As assignaturas d'A Escola Primaria podem ser tomadas, em qualquer época pelo preço de 12\$000 por anno para o Districto Federal e para os Estados.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Redacção d'A Escola Primaria — Rua 7 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro.

Pedimos a nossos assignantes o obsequio de nos enviarem, por escripto, tanto as communicações de mudanças de endereços, como quaesquer reclamações relativas á revista da revista.

## Um curso de Historia da America no Collegio Pedro II

A aula inaugural pelo professor Jonathas Serrano

A inauguração do Curso de Historia da America hoje, nesta casa quasi centenaria, neste salão, perante este auditorio, é na verdade um facto assás expressivo, independentemente de quaesquer commentarios. Fala por si a propria ephemeride. Ainda não se extinguiram os écos das commemorações que o dia de hontem ensejou em todo o continente. Vibram ainda nos communicados laconicos do telegrapho ou nas resenhas mais pormenorizadas das gazetas, as vozes eloquentes dos que disseram, aqui e além, nas duas Americas, dos ideaes communs, das esperanças de um entendimento reciproco e fecundo, cada vez mais facil e nitido, graças á influencia cada vez maior e mais efficaz do que poderíamos chamar a consciencia continental.

Inaugura-se o nosso curso immediatamente após o Dia Pan Americano. E de certo modo ainda nelle ou, melhor, e mais de accordo com o nosso desejo — dentro delle, se o dilatarmos, como é mister, das vinte e quatro horas convencionaes e restrictas de uma commemoração annual ás claridades permanentes e sem occaso de uma collaboração fraterna, aquecida de entusiasmo pela consciencia acceitação da solidariedade dos nossos interesses superiores e da nossa missão historica e social.

Impunha-se a criação deste curso. E' licito acrescentar que se inicia em momento opportuno.

A reforma do ensino de 1931, que reuniu em uma só as duas cadeiras de Historia Geral e de Historia do Brasil, nas proprias instrucções expedidas para melhor execução dos programmas officiaes, accentuou a necessidade de se constituirem a Historia patria e a da America o centro do ensino ministrado na aula. E acrescentou que não deveriam ser consideradas isoladamente. «Ao contrario, cumpre seja adquirido, a principio, o conhecimento da situação do mundo até o descobrimento para se fazer depois o estudo simultaneo da Historia Geral e da Historia Patria, afim de que possam ser bem apreciadas as influencias que concorreram, de toda parte, para a formação do Brasil e das varias nações americanas, bem como para que se considere o papel desempenhado pelos diversos paizes no conjuncto da evolução da humanidade e se conheçam os problemas humanos em cuja solução cumpre ao Brasil empe-

penhar-se solidariamente com as demais nações.»

Ha, de facto, nas varias séries do curso fundamental, consoante o que o decreto numero 21.241, de 4 de Abril de 1932, consolidou nas disposições referentes á organização do curso secundario, o estudo systematico da Historia da Civilização. Mas não é preciso ser especialista em psychologia para comprehender que nas duas primeiras séries o que se póde ensinar de Historia Americana é muito pouco e em character elementarissimo. O nivel mental das classes, ainda constituídas na maioria de elementos incapazes pela idade de reflectir e apprehender os aspectos sociologicos e superiormente culturaes das personalidades e dos episodios, faz que o estudo se restrinja a um plano mais modesto de fixação chronologica e onomastica, amenizada pelo natural interesse que desperta a narrativa da acção das personalidades mais notaveis.

Nem quero insistir, por agora, na exiguidade, que chega a ser insufficiente, do tempo destinado á materia, duas horas semanaes apenas. A Historia da America, aliás, só do fim da 3.ª série em diante póderia ser exposta de modo rigorosamente scientifico, a começar do periodo anterior ao descobrimento. Mas a experiencia demonstra que em geral os problemas referentes á America pre-colombiana, e ao proprio Brasil pre-cabralino são ainda superiores ao interesse real senão á exacta comprehensão da maioria das classes.

Infelizmente não é possivel rétoronar a elles, proveitosamente, nas séries seguintes, destinadas, já, de modo taxativo, ao estudo da Civilização Moderna e Contemporanea. Sendo sempre duas apenas as horas reservadas por semana á disciplina, bem é de vêr o embaraço de discentes e docentes, ante programmas extensos, complexos, exigentes de tempo e esforço, quasi nada, ou nada, sobrando para a revisão desenvolvida das séries precedentes.

Dir-se-ia, porventura: — «E' facil a solução: augmenta-se uma hora semanal em cada série para o estudo da historia da civilização. Suppostas resolvidas as difficuldades de distribuição pelo quadro geral de curso e não são pequenas nem despreziveis (os que são technicos em horarios logo me dariam ou estão dando já toda razão) ainda assim fica

de pé uma grave objecção de ordem psychopedagógica. Só nas ultimas séries é possível tratar de certos assumptos com inteiro proveito do alumno. Só então possui elle, ou deve pelo menos suppor-se que já possui, a maturidade indispensavel, o Interesse, a capacidade de reflexão, o manejo mais facil das linguas — estrangeiras e da vernacula tambem — gosto da pesquisa bibliographica, os subsidios preciosos de outras disciplinas do curso. Bem sabemos que a Historia mantem relações mais ou menos proximas com quasi todas as materias do cyclo de humanidades. E' de lamentar, por exemplo, que não se possa voltar ao exame da antiguidade oriental e classica e dos pontos obscuros da prehistoria, quando, emfim, e só então, é possível aprofundar mais certas minucias.

Sem ir aos extremos de preconizar o methodo regressivo — salvo como iniciação nos cursos primarios — hâvemos de reconhecer as vantagens das revisões periodicas em ciclos de raio crescente. O methodo ampliatorio permittiria retomar o essencial já visto, em plano mais simples e desenvolvê-lo em extensão e profundidade, enriquecido quantitativa e sobretudo qualitativamente em planos superiores, na concatenação das causas e das consequencias, na apreciação critica das influencias de toda a ordem, no complexo cultural, que não é só idéa, nem só sentimento, nem só tampouco exigencia de ordem exclusivamente economica.

Eis porque a possibilidade de retomar os assumptos em cursos complementares é de alta relevancia pedagogica.

O sexto anno em que vamos reestudar, em plano mais alto a Historia da America, é aquelle em que o estudante já dispõe dos conhecimentos fundamentaes do curso secundario e já se encaminha para os cursos superiores ou para a sua phase de actuação pessoal, delineadas já as grandes curvas da estrada que pretende percorrer na vida. E' sem duvida o momento de olhar, em visão panorâmica, as grandes perspectivas do scenario continental.

Este scenario, deixae que vol-o diga, desde logo, não é somente vasto, mas é tambem de belleza real e impressionante. Meio physico, meio ethnico, meio social — o continente americano se nos depara, em seu desdobramento no tempo, como em sua extensão no espaço, digno de attento exame. Banhado pelo maior dos oceanos, possuindo os maiores cursos fluviaes, erguendo uma das mais extensas e elevadas cordilheiras, a America conhece todos os climas, em todas as zonas, em latitude e altitude.

Se a sua historia, de certo modo começa nos tempos modernos, não é menos exacto que mergulha raizes, não apenas europeas, mas tambem americanas, em um passado multiseccular, ainda para nós mysterioso, em multiplos aspectos, campo aberto á argucia penetrante e pacientes pesquisas da sciencia contemporanea.

Quando, como, onde começou o povoamento da America? Excluida a hypothese da autochtonia, hoje reputada insustentavel scientificamente por autores de responsabilidade, o problema das migrações continúa sem uma solução clara e satisfatoria.

As varias hypotheses esbarram em objecções das mais graves. Pittard, em livro de 1924, não hesitava em escrever: «Esperemos que descobertas de ossadas humanas fosseis nos permittam falar com autoridade de uma origem americana dos indigenas americanos». Sorrimos hoje das affirmativas categoricas de Ameghino quanto ao *tretraprothomo argentinus*, e a sua convicção de que no solo do seu paiz jaziam os restos humanos ou prehumanos mais antigos de toda a terra. Isso não impede que certos autores admittam um homem fossil americano tão antigo a ponto de remontar aos periodos glaciarios. O proprio Boule, que não era inclinado a exaggerar, aceitou a antiguidade pleistocena do homem americano. Aliás a dificuldade não é apenas restricta á America. Qual a data da antropogenese? Mendes Corrêa, em seu *Homo* não ousou resolver definitivamente a questão: «Sabbe-se, escreveu elle na 2.<sup>a</sup> edição do seu magistral estudo, que no mioceno já havia uma abundancia de formas de Primatas superiores, que torna verosimil a aparição de Hominidios nessa altura. Mas não ha documentos authenticos de Hominidios terciarios. Os eolitos são argumentos duvidosos e insufficientes. Os mais antigos restos humanos fosseis, que até hoje se tem descoberto com garantias de authenticity, não recuam a um periodo anterior ao pleistoceno.

Em todo caso discutir o problema do povoamento da America é ter de repensar todas as hypotheses formuladas para resolver o enigma da origem, differenciação e dispersão dos grupos humanos mais antigos. Ameghino Cope, julgaram poder situar no Novo Mundo o centro primitivo de dispersão. Os modernos, em geral rejeitam tal hypothese, mas não entram em accordo definitivo quanto ao verdadeiro centro preferivel. Tambem para explicar o povoamento da America succedem-se as theorias: asiatica, malaio-polynesia, australiana. Mas, se é certo que ha fortes argumentos a favor da sua plausibilidade, não é possível desconhecer as dif-

culdades que ainda se apresentam, exigindo attitude reservada de expectativa prudente.

Ahi mesmo, porém, está uma primeira e grande lição para os espiritos impacientes, que suppoem tudo facil e susceptivel de resposta immediata e decisiva. A sciencia é paciente, porque não morre. Os homens e as theorias passam. A sciencia é sempre jovem e disposta a recommear o seu esforço inexaurível.

Se é bello e interessante, a desafiar a nossa capacidade investigadora, este passado remotissimo do novo mundo, não menos interessante e bello é o que nos offerece o continente recém-descoberto. Aos olhos sobremaravilhados dos espanhoes surgem civilizações adiantadas com algumas analogias exteriores com as civilizações europeas.

Aztecas e Incas naturalmente lembravam, pela grandeza e esplendor das suas obras, o que de mais admiravel tinham realizado outrora os imperios mais fortes. Todavia, conforme a justa observação de Hauser e Renaudet no seu volume sobre «Les Debuts de l'Age Moderne», as fórmias mais brilhantes das civilizações precolombianas não eram synchronicas em relação ao resto do globo. De modo geral a America estava em grande atrazo. As infiltrações asiaticas que se realizaram pelo extremo noroeste, provinham de povos assás primitivos. Muitas eram ainda, no findar o seculo XV, as populações americanas que viviam na prehistoria. As proprias civilizações maiores não estavam ao nivel do Velho Mundo. E os autores precitados chegam a dizer com emphase quasi hyperbolica: De Cortez a Montecuzhoma a distancia era de millenios. E Rivet, que segundo o declara uma nota do capitulo, teve ensejo de rever o texto do paragrapho, pelo menos não protestou, nem impugnou a affirmação.

Não é possível, entretanto, deixar de admirar essas civilizações precolombianas, sobretudo a mexicana, a mayaquiché e a incasica. Hoje ainda os restos veneraveis dos seus monumentos são eloquente testemunho da sua cultura superior. E o estudo desses nucleos humanos desaparecidos empresta encanto não pequeno ao capitulo inicial da Historia do Novo Mundo.

A conquista e a colonização são paginas quentes de luctas e de crises, de temeridades e sacrificios, de violencia e heroismo christão.

O proprio facto do descobrimento da America haver occorrido ao findar o seculo XV é digno de exame e commentario. E' a aurora dos tempos modernos. E' aquella transição difficil de fixar em uma data, em um facto isolado, mas que se torna bem visivel ao obser-

varmos o conjunto de eventos capitaes que são as consequencias das grandes invenções, sobretudo a imprensa, o Renascimento, os descobrimentos maritimos, as luctas religiosas de que nasce o Protestantismo. E' a phase em que os estados europeus tendem a se constituir em monarchias poderosas, enfraquecido ou já moribundo o regime feudal e em que tambem a vida economica experimenta as graves repercussões dessa expansão europeá. Não é de admirar que para certos autores, — e taes são os que collaboram naquella série tão digna de attenção que é dirigida por Halphen e Sagnac — pareça preferivel o anno de 1492, mais do que 1453 para inicio dos tempos modernos.

Não é o momento de discutir aqui o valor relativo de quaesquer datas aceitas para limites de ciclos historicos. Sabem os que conhecem o assumpto a precariedade de taes fixações chronologicas. As épocas se encaixam de certo modo entre si, interpenetrando-se á feição do oceano que forma os golfos ou bahias, ou enseadas ao longo da costa, não podendo impedir o avanço dos cabos, promontorios ou peninsulas. E' tão impossível separar uma data fixa dois ciclos historicos consecutivos quanto traçar em linha recta o limite que separaria terra e mar.

Em todo caso o Novo Mundo surge aos olhos de Colombo no proprio anno em que os reis catholicos, occupando Granada, expulsam na majestade vencida de Boabdil os ultimos representantes do dominio muçulmano na peninsula iberica.

*A cruz guerreira  
Da moderna cruzada resplandece  
No rubro cimo da atalaia altiva  
que domina de Alhambra os regios  
muros.*

A reconquista christã fôra um esforço gigantesco de sete centurias. Não podemos esquecer-o, ao considerar o que os autores norte americanos costumam chamar «the European back ground»; os antecedentes das metropoles do Velho Mundo que iam, na America ainda virgem, realizar a obra admiravel de expansão colonial. Obra admiravel e contradictoria, paradoxal e desnorteante para quem a considere sem espirito de synthese, perdendo-se em simples aspectos parciais, em vistas unilateraes apaixonadas e deformadoras da verdade integral.

Com razão observa Carlos Pereyra, no anteloquio da edição de 1930, de sua «Breve Historia da America»; «Os povos ibero-americanos, como a espanha, tem soffrido as consequencias da these auto-denigratória, sustentada durante um seculo até formar o arraigado sentimento da inferioridade ethnica,

que uma reacção pode converter em excesso de vangloria.

Eis ahí em phrase de lapidar concisão, os dois extremos perigosos e vitandos: autodenigração e excesso de vangloria.

As conquistas de Espanha na America apresentam um mixto de heroismo e ambição cruel; taes são os typos de Cortez e Pizarro, entre os mais expressivos. O regime espanhol, foi, em geral, nas colonias, contrario á igualdade politica entre os nascidos em Espanha e os filhos da America. Tambem na ordem economica um severo regime de monopolio restrictivo dos legitimos interesses coloniales. Mas se considerarmos, como dizia ha pouco, «the European back ground», havemos de reconhecer que restricções e monopolios eram conseqüencias do despotismo politico e das idéas erroneas da época em materia de economia. Praticavam-na aliás todos os povos conquistadores, nem se queira injustamente acoirar Espanha e Portugal apenas, absolvendo Hollanda e Inglaterra. Cromwell não foi, a certos respeito, menos inflexivel que Philippe II, observa com razão Garcia Calderon.

Se os seculos XV e XVI se assignalam na Historia da Civilização pelos grandes feitos geographicos da circumnavegação da Africa, da chegada ao Novo Mundo, e da primeira viagem ao redor do planeta, não são menos dignos de lembrança pelo progresso intellectual, nas letras, nas artes e na sciencia. O Renascimento, reflecte-se, tambem, em certo modo, na America recém descoberta. Aqui mesmo no Brasil. Que é Anchieta, ao escrever o seu poema á Virgem em hexametros e pentametros, senão um representante do Humanismo Christão da Companhia de Jesus? E que são todos esses missionarios que se embrenham impavidos, aqui e além, pelo São Francisco ou pelo Mississipi, no período mais fecundo da catechese, senão emissarios da cultura superior, humanistica e evangelica a um tempo, filhos da Igreja e do espirito greco-latino, a lutar pela conquista das almas sem olvidar o que aprenderam nas universidades de além mar, e aqui mesmo, sem recursos nenhuns, sem conforto, sem o estímulo admirativo de um ambiente capaz, a escrever grammaticas, a recolher observações scientificas, a preparar gerações para a genuina cultura americana.

Renascença, Reforma, e mais tarde Encyclopedismo e Revolução, tudo se reflecte, com maior ou menor exito, com desvantagens ou beneficios no Continente predestinado.

Ha de parecer extranho e improprio o qualificativo. Julgo que o podemos manter de um ponto de vista rigorosamente positivo. A

predestinação aqui repousa em condições felicissimas, excepcionaes, de meio e de desenvolvimento historico.

Apesar de todos os seus defeitos, que não desconhecemos nem occultamos, a America é o unico dos continentes, é a unica das partes do mundo em cuja evolução se observa um rythmo sem desvios graves, sem recuos perturbadores da marcha geral, que é possível eschematizar em linhas muito mais simples do que as do resto do globo.

Refiro-me, é obvio, ás curvas representativas da evolução politica, social e economica.

A Europa foi, e continua a ser, um complexo intrincadissimo, que desafia previsões. A Asia foi sempre cahotica. Africa e Oceania, em mãos das grandes potencias, ainda carecem de individuação bem marcada.

A America parece ter sido a grande predestinada para o advento e triumpho, em nosso seculo, de grandes ideaes humanos que constituem as perspectivas mais bellas das visões ou ante-visões panoramicas da historia.

Não quero parecer emphatico. O que desejo exprimir é somente a resultante do exame sereno do passado e do presente da Historia do Novo Mundo. Por entre os naturaes obstaculos da ambição, da ignorancia, do egoismo, é possível descobrir, acompanhando-se, e, por fim, traçal-as, as curvas correspondentes ás grandes aspirações, aos impulsos superiores, aos sentimentos caracteristicos da consciencia americana. E' bastante, para provar-o, considerar a emancipação das colonias, nas duas Americas, a victoria dos principios democraticos, a contribuição do Novo Mundo, nas campanhas de caracter cultural, de aproximação não apenas continental, mas superiormente humana.

Na America Inglesa, em primeiro lugar, verificamos desde os primordios da colonização a influencia poderosa de antecedentes da metropole que eram tradições de liberdade. João Ribeiro, ao tratar da independencia norte-americana, escreveu: «E' coisa problematica que as doutrinas dos Encyclopedistas, de Rousseau principalmente, influissem no sentimento e aspirações das colonias americanas». Reconhece, entretanto, que havia antecedentes outros de innegavel importancia. «As proprias liberdades inglesas haviam enraizado tradições que não seria facil extirpar».

E' sabido que as colonias inglesas da America não pertenciam todas a um só e mesmo typo. *Royal Colonies*, como New Hampshire, New York, New Jersey, Virginia, as Carolinas do Norte e do Sul e a Georgia; *proprietary colonies*, quaes Pennsylvania, Delaware e Maryland; *charter colonies*, Connecti-

cut, Rhode Island e Massachussetts — a diversidade é patente. Colonias reaes, umas; colonias autonomas, outras, ou, ainda verdadeiros feudos, as intermediarias, ha em todas um elemento commum, apesar da divergencia religiosa, e até da presença, não raro em proporção bastante forte, de elementos ethnicos diferentes, hollandezes em New York, allemaes na Pennsylvania, francezes na Carolina do Sul.

A propria questão da liberdade religiosa e igualdade de direitos variou a principio. Como o reconhecem os autores norte americanos até em obras elementares — Thompson por exemplo — St. Marys foi o primeiro sitio no mundo em que todos os christãos gozavam dos mesmos direitos. O catholico Maryland foi quem primeiro poz em pratica a liberdade de consciencia, porque o facto de puritanos da Nova Inglaterra para alli terem emigrado determinou uma lei que estatua não poder nenhum christão ser perseguido pelas suas crenças. Isto em 1649. Oliveira Lima sublinhou a importancia do facto em sua apreciação da historia do Novo Mundo.

Mas, havia, apesar de todos os exclusivismos proprios do seculo, uma tradição, uma herança, uma força mais ou menos latente, uma aspiração por assim dizer subterranea, de independencia, de regimem democratico, de respeito á personalidade de cada qual.

O episodio do *Mayflower*, em 1620, tantas vezes lembrado, é o melhor testemunho dessa mentalidade e dessas aspirações, não só dos *Pilgrims* em particular, mas dos perseguidos e profugos em geral. O *Mayflower Compact* era já um embrião de carta constitucional, nas plagas americanas ainda quasi desertas, na aurora do seculo XVII, — seculo do absolutismo de um Luiz XIII e de um Luiz XIV, na França, e das perseguições de um Jaime I, ou das tentativas anti-parlamentares de um Carlos I na mesma Inglaterra.

Já neste seculo XVII os norte-americanos comprehendiam o que vale a liberdade. E, a par disso, o que vale a instrução: em 1638, em Newton (hoje Cambridge) o Rev. John Harvard levava ao collegio, dois annos antes fundado, a bibliotheca, além de uma doação pecuniaria. E Harvard College é o decano dos grandes institutos de ensino dos Estados Unidos.

Antes mesmo do *Stamp Act*, que é de 1765, e da questão dos direitos do assucar (*The New Sugar Act*) que é do anno precedente, já em 63, na Virginia, por ocasião da *Parson's Cause*, motivada pela variação do preço da libra de fumo, Patrick Henry, com a sua eloquencia impavida, afirma que o

soberano ao vetar uma lei sabia «*degenerates into a tyrant*».

E como é expressiva a sua declaração no Primeiro Congresso de todas as colonias, em 74, em Philadelphia, no *Carpenter's Hall*, perante Adams, Lee e Washington, naquella reunião que Washington Irving qualifica de assembléa de gigantes.

«Onde estão os vossos limites, as vossas fronteiras de colonias?... Já não ha distincção entre filhos da Virginia, da Pennsylvania, de Nova York ou da Nova Inglaterra». E numa formula de arrebatador auditorio: «*I am not a Virginian, but an American*».

E como é bella e nobre, e commovedora aquella phrase final da propria declaração de Independencia, em 4 de Julho de 1776: «E para defender esta declaração, com firme confiança na proteção da Providencia divina, mutuamente empenhamos as nossas vidas, as nossas fortunas, a nossa honra sagrada».

E os norte-americanos tinham a ventura de possuir em Jorge Washington o homem digno de ser o seu guia supremo nas arduas jornadas da lucta que ia travar-se. O juizo de Green é de valor insuperavel, por partir de um inglez: «Não ha figura mais nobre no frontespicio da historia de nação alguma». Porque o homem de Mount Vernon foi realmente «o primeiro na guerra, o primeiro na paz, o primeiro no coração dos seus concidadãos».

Se é bella a historia da emancipação norte-americana, a da America Latina, é tambem de intensa dramaticidade e superior interesse para quem a estuda com attenção.

Sobre o regime espanhol nas colonias e sobre as causas que influiram com maior eficacia para a independencia, já agora se vae fazendo mais serena apreciação e reconhecendo os exaggerados juizos de uma critica superficial.

Tal, por exemplo, a redução a méras causas de ordem economica do movimento revolucionario de emancipação das colonias. Sem desconhecer a importancia, realmente grande, do aspecto economico, é preciso tambem considerar os outros factores influentes: a natural revolta dos colonos contra a longa *capitis deminutio* politica e a acção poderosa, não raro decisiva, de certas personalidades excepcionaes — um San Martin, por exemplo — e maior entre os maiores, um Simon Bolivar.

Que as idéas philosophicas do seculo XVIII influiram, e não pouco, no espirito da juventude latino-americana, é incontestavel e sabido. Bastaria lembrar o caso expressivo de Antonio Nariño, em Nova Granada. A sua bibliotheca de 6.000 volumes, era o ponto de reu-

nião dos amigos moços e ardentes de entusiasmo. Eram lidos e commentados os autores francezes. Da parede pendia o retrato de Benjamin Franklin. Além da bibliotheca, um laboratorio de physica e uma typographia.

Nariño foi o traductor em 1794 da «Declaração dos Direitos do Homem», o que lhe valeu a pena de presidio por 10 annos, o confisco dos bens, vendidos em hasta publica e a proscricção da familia. Não impediu tudo isso que fosse elle mais tarde vice-presidente da Republica da Colombia, já emancipada com Bolivar.

E Miranda, o romanesco, o inverosimil, precursor da independencia da Venezuela? Culto, sagaz, de energia ferrea, conhecedor dos dois mundos, soído da Revolução ao lado de Dumouriez, já tendo militado no corpo expedicionario de Rochambeau na America do Norte, cae com os Girondinos, é julgado durante o Terror, escapa quasi por milagre, mas não deixa arrefecer a chamma que internamente crepita.

Bonaparte o disse, tendo visto em Paris: «Este homem tem na alma o fogo sagrado». Nem o insuccesso de 1806, nem os desastres da campanha de 1812 o subjugaram. Dos ergastulos de Porto Cabelo para os de Porto Rico, e dahi para o Cadiz, ainda resistiu 4 annos. Devia mesmo expirar numa ephemeride extraordinaria, digna da sua extraordinaria aventura historica. A 14 de Julho de 1816 fechava emfim os olhos aquelle cujo nome está gravado, entre os heroes julgados dignos desse premio, no Arco do Triumpho, em Paris, onde elle conheceu a gloria e o opprobrio, a esperança e a perseguição.

Que dizer, então, de Bolivar? Libertador de cinco Republicas, dirigiu trinta e seis batalhas, das quaes ganhou dezoito. Delle disse um adversario ser mais temível vencido do que vencedor. Boyacá, Carabobo, Junin são todos triumphos que provocariam um estro ainda mais vibrante que o de Olmedo. «Conquistador e legislador, general de decisões fulminantes e estadista de iniciativas rasgadas», lembra Oliveira Lima, é Bolivar o vulto que mais se aproxima, no scenario americano, do modelo napoleónico. Ha, porém, que reconhecer, no Libertador, um desprendimento pessoal, por vezes, que a figura de Bonaparte não nos depara. Nascido em Caracas, de nobre linhagem, rico, viajado, culto, Bolivar desde menino, recebeu a influencia das idéas revolucionarias do seculo XVIII, maximé as de Rousseau, através de Simon Rodrigues, seu mestre e entusiasta das doutrinas pedagogicas do autor do «Emilio». A carta de Jarráica, o projecto de constituição de Angustura, o estatuto boliviano, o Congresso de Panamá bastam para demonstrar a sua visão de

estadista. «Poeta e Apostolo», chamou-lhe Silvio Julio. Na verdade, o juramento do Monte Sagrado, em Roma, feito em presença de Simon Rodriguez, bastaria para revelar-lhe a alma de idealista. «Não daria repouso ao seu braço até que houvesse libertado a America do jugo dos seus tyrannos». E cumpriu-o. Pode recordal-o com justa ufania em 1824, em Lima, quando o seu antigo mestre o foi visitar no esplendor da sua carreira.

Dois annos antes, em Guayaquil, na entrevista famosa, dissera sem falsa modestia, mas certo, sem vituperio tambem, «que ali estavam os dois maiores homens da America naquele momento». Era exacto.

A grandeza moral, o desprendimento, a nobreza commovedora da renuncia de San Martin eclipsam por momentos o brilho da ambição inflexivel do Libertador. Mas esta ambição é para a propria grandeza da America: não é uma ambição egocentrica e inferior. Integrada a scena de Guayaquil no scenario épico da independencia, comprehendemol-o bem. Não impede isso a nossa admiração ante o heroe que organizara o exercito dos Andes, atravessara a cordilheira, libertara o Chile, vencera em Chacabuco e Maipu, o Protector desinteressado do Perú, digno do monumento que lhe ergueu, nos quatro volumes da sua obra classica, a penna ás vezes um pouco apaixonada do eminente Mitre.

A grandeza de San Martin eleva-se ao plano moral de um Jorge Washington quando, ao despedir-se do theatro das suas victorias, affirma estas palavras inesqueciveis: «A presença de um militar afortunado é temível para os Estados recém-constituídos.»

A hyperbole de Rodó, é, porém, afinal uma verdade que resiste á critica objectiva e serena: o Libertador viverá no «senado humano do genio», porque é, de certo modo, o heroe eponymo da nossa America.

Esta «nuestra America», a que o ensaio de psychologia social de Bunge ás vezes empresta caracteres menos exactos — como o reconheceu o proprio Ingenieros no prefacio á obra — esta «nuestra America», apesar do caciquismo, do caudilhismo, dos pronunciamentos e das taras da mestiçagem e da politica «criolla», póde ufanar-se do seu passado e confiar no seu futuro. Um continente que possui, e falo agora apenas da America Latina, um Bolivar, um San Martin, um Belgrano, um O'Higgins; que póde recordar, sem desdouro, a sua emancipação politica, a sua integração republicana, a sua elevação a um nivel humano que supporta confronto com os mais altos, é um continente predestinado, como dissemos, e já commentamos em que sentido.

O caso brasileiro foi unico e feliz, por excepcional concurso de circumstancias. Não

foi que faltassem manifestações de corrente republicana subterranea: 1817 o prova, com aquella figura singular de Domingos José Martins, o homem que conheceu Miranda e enfrentou em Londres os meios revolucionarios e soube morrer, impavido, após o ephemero triumpho. Mas a presença do proprio D. João inverteu as relações da colonia e metropole. Tivemos a abertura dos portos, a fundação de escolas superiores, a elevação a reino. O grito de Independencia sahi dos labios do herdeiro do throno. A nossa emancipação não tem o character tragico das de outras colonias. A solução monarchica, possivel aqui por motivos excepcionaes do momento, salvou-nos, como previa José Bonifacio, da anarchia e do caudilhismo.

Tivemos a republica mais tarde e melhor. Bastaria lembrar o que foi o meio seculo do governo do monarcha illustre que é o patrono desta casa e do qual escreveu o republicano Vicente Licinio Cardoso: «Pedro II, com o segredo de se fazer servir pelos capazes, teceu, incontestavelmente, neste paiz immenso de analphabetos e incipiente de cultura, um dos poucos mantos imperiaes que a historia pode admirar sem menosprezo da dignidade humana.»

Olhemos com respeito, com sympathia, eu ia quasi a dizer com verdadeiro amôr, esse passado americano que é bello, é rico em episodios significativos e é tambem uma garantia solida para os nossos dias do futuro.

É permitti que eu termine esta pallida exposição do que espero fazer durante este curso com as proprias palavras finaes da minha dissertação sobre a emancipação americana, aqui apresentada em 1926.

«Larga e fecunda é a contribuição do Novo Mundo na ordem politica e internacional. Foi na America independente que se elaborou a primeira constituição moderna, escripta, e de accôrdo com os idéas democraticos.

O principio do arbitramento, a condemnação das guerras de conquista encontram terreno propicio para vingar no Continente livre e é grato accentuar ahí o exemplo brasileiro.

Charles Elliot, reitor da Universidade de Harvard, attribuiu aos Estados Unidos estas grandes contribuições para a civilização moderna: o principio geral do arbitramento, a tolerancia, o suffragio universal, o bem estar material, a liberdade politica. Com razão Garcia Calderon reivindica tambem para o sul latino a pratica de principios analogos. E antevê que a America, laboratorio de homens livres, salvará a cultura europeia, a herança da Revolução e da Renascença.

O lado verdadeiramente superior da acção de Bolivar, segundo Oliveira Lima, derivou-se

da sua concepção americana. Não se tornou realidade o ideal bolivariano e o proprio Libertador assistiu ao choque lamentavel de ambições encontradas. Ainda assim, após um seculo de independencia, a America Latina sente que, acima dos antagonismos parciaes, ha largos e bellos ideaes e interesses communs. Uma consciencia americana cada vez mais se desenha e affirma, não hostile á Europa, certamente, a quem deve a cultura, mas autonoma e disposta á realização dos seus altos destinos.

A evocação do exemplo dos seus prohomens e as reminiscencias das grandes jornadas que asseguram a liberdade aos filhos do Novo Mundo, é lição e estimulo, conforta e inspira-nos o nobre desejo de proseguir».

Nem pareça que ao iniciarmos o nosso curso de Historia da America assim possuidos de entusiasmo, olvidamos o que é dever primordial dos verdadeiros cultores da sciencia historica e nós proprios tantas e tão repetidas vezes, em aula e na tribuna, em livros e artigos, temos propugnado e modestamente ensaiado realizar.

Os tres grãos que Bernheim distinguia, como consecutivos no seu estudo sobre os metodos de exposição historica, o narrativo, o pragmatico e o genetico, em verdade não são exclusivos, nem satisfactorios. Toda a Historia tem que ser, ao mesmo tempo, em grão maior ou menor, narrativa (é a sua essencia mesma), pragmatica e genetica. E neste ponto a critica de Huizinga é exacta e definitiva. Infelizmente, e elle mesmo o sublinha, com rara mestria e equilíbrio, a historia corre em nossos dias o grave risco de ser levada em direcções erroneas e anti-scientificas. A *New History*, de Barnes, que se insurge contra o character narrativo da Historia, é uma exaggeração de concêitos que resulta afinal, em negação da essencia mesma da velha disciplina que desde Herodoto até hoje, e já antes do illustre filho de Halicarnasso, foi e será sempre, antes de tudo, um relato, um depoimento, uma narração.

A reconstrução exacta de todos os dados sociaes é desejavel, sempre que possivel: é tambem historia, é sociologia tambem, mas não é toda a Historia, nem é mesma a materia caracteristica, inicial e privativa da historia, propriamente dita.

A segunda direcção, ou o segundo desvio é mais perigoso ainda, sobretudo no Brasil. Tem a seu favor a seducção da fórma, o colorido do sentimento, a facilidade relativa do seu manejo, o mau exemplo do cinema e o incentivo do lucro e da popularidade, immediatos e embriagadores. A historia romancea-

da (não me refiro aos romances e peças de fundo historico, alterado, de proposito, para fins estheticos) — a historia periumada, na phrase feliz de Huizinga — não é sciencia, em rigor, não é arte, genuina, é prejudicial e tende a desmoralizar a gravidade serena de uma disciplina entre todas exigente de ponderação. Compreendo que o talento de Ludwig e de Maurois seduzem a mocidade. Não lhes desconheço o valor. Infelizmente os imitadores, aqui e alhures, raro possuem as qualidades positivas dos imitados. Uma historia romanceada da America é indesejavel, ainda que se trate de personalidades como as de Miranda, cuja vida real teve as peripecias de um romance de aventuras, ou de um Bolivar, quasi inverosimil na rigorosa verdade historica de sua existencia agitada e fecunda.

A terceira deformação da historia é a mais grave e mais temerosa de todas. Devemos unir a nossa voz de indignado protesto a de quantos, em nome da sciencia, da justiça, da dignidade mesma da historia, repellam a imposição de pontos de vista de estreitos e erroneos exclusivamente doutrinarios, politicos, religiosos, nacionalistas, afim de fazer da historia uma simples arma de combate, a serviço de tal ou tal individualidade poderosa, de tal ou tal raça, de tal ou tal partido.

Que doloroso contraste o da nossa época, em que de um lado ainda ha quem viva obsseso do perigo da intolerancia medieval, das fogueiras da Inquisição e até da prophylaxia psychologica do *Index* no século da Reforma, e não verbera, em pleno século XX, a concepção estreita do materialismo historico, a tentativa até de uma literatura dirigida, consoante as directrizes de Marx, Engels ou Lenine, a coacção, que é asphyxia da sciencia, em nome de um hypernacionalismo doentio, afim de querer demonstrar-se uma pretensa superioridade ethnica, ou a missão providencial de tal ou tal nação moderna ou contemporanea.

A maior e mais bella das lições da historia é porventura ensinar o homem a ser humilde, ou, pelo menos, modesto — exactamente o opposto do que pretendia Nietysche. Individualmente, pouco valem, ou nada. Homens ou povos, individuos ou nações — interdependemos todos, no tempo e no espaço. A solidariedade, a fraternidade, o senso da contingencia eis o que nos demonstra a Historia. Estudemol-a com enthusiasmo sadio, superior, sem paixões mesquinhas e estereis.

E o Brasil, como dizia o grande Leão XIII da propria Igreja, o Brasil não tem medo da verdade. Digamol-a sempre, serenamente, intrepidamente, integrando o Brasil na America e a America na Humanidade.

## A LEITURA

A leitura deve participar diariamente do programma de nossa vida. Para conhecer os factos da actualidade, dentro e fó do paiz, cumpre-nos ler os jornaes, passando os olhos por elles. Com o fim de desenvolver a cultura geral e a capacidade de expressão, importa ler revistas e livros escolhidos, entre os quaes alguns de literatura, bem como as obras dos principaes escriptores da lingua vernacula. Mas a leitura basica é a que se refere á profissão de cada um. A ella melhor denominaremos *estudo*, que ha de ser considerado como parte integrante da profissão, imprescindivel ao esmerado exercicio da mesma.

Disse alguém que a leitura serve para instruir, deleitar e moralizar. São estas realmente as suas finalidades: instruir-nos, causar-nos prazer, aperfeiçoar-nos. A esse respeito observa La Bruyère: «Quando uma leitura vos elevar o espirito, inspirando-vos sentimentos corajosos e nobres, não procureis outra regra para julgar da obra: é boa e executada por mão de mestre».

Convem imprimir á leitura, pelo menos, estas qualidades: ser silenciosa, atenta e seleccionada. A leitura silenciosa, que se faz somente com os olhos, é mais rapida e menos cansativa. Deixando de ler com attenção, claro está, não conseguimos assimilar o que lemos. Sem que a seleccionemos, a leitura, em vez de constituir um bem, pôde tornar-se um mal. Alimento intellectual pela sua propria natureza, ella deve ser tratada como qualquer outro alimento, de conformidade com os preceitos de hygiene que se lhe adaptam.

Para cultivar entre os alumnos o habito da leitura nada melhor do que manter no horario escolar a frequencia da bibliotheca. A organização desta, principalmente no curso primario, terá de sobressair, não tanto pela quantidade de volumes, mas pela sua escolha e apresentação. Assim pensará o professor: «Vou tornar de véras attrahente a bibliotheca de minha escola. Os livros, os mappas, as photographias, as gravuras, e outros impressos hão

de prender a attenção dos alumnos pela belleza de suas capas, pela variedade das illustrações e pelo seu texto interessante. De tempos a tempos os apresentarei em exposição, no meio de flores. Imaginarei mil modos para dar encanto á bibliotheca, para fazer de seus pequenos frequentadores verdadeiros amigos da leitura».

Junto da bibliotheca escolar, conservada na sala de aula, si não puder ter sala propria, colloque o professor um gabinete individual de leitura, composto de mesa, cadeira e estante com livros, o qual servirá de suggestão aos alumnos, para fazerem em casa installação identica. Cada alumno, alternadamente, ha de occupar esse gabinete, onde se entregará á leitura. Mais um meio para induzil-o a nstallar em casa a bibliotheca, considerada não só como parte da escola, mas igualmente do lar domestico, continuado-ea solicita que é da educação.

A bibliotheca, que assim for installada, não deverá limitar-se ao uso do alumno, mas extender-se ao de sua familia. Na escola tambem terá elle sido sócio do clube de leitura, em cujas sessões varias vezes leu em voz alta, ouviu ler interessantes historias, recitou e ouviu recitar, tendo então passado momentos apraziveis. Em casa formará o alumno um clube familiar de leitura, do qual farão parte amigos seus e de sua familia. Dahi necessariamente ha de propagar-se a fundação de taes clubes, diffundindo-se pela séde escolar, onde dentro de pouco tempo fructificará em todos os pontos o amor da leitura.

A frequencia da bibliotheca, conservada com animação e perseverança em todo o curso primario, obedecerá no curso secundario á organização, que em outro artigo propuz para a escola normal. O alumno do curso superior, já habituado á leitura terá com certeza aprendido a estudar e frequentará espontaneamente a bibliotheca.

Parece realizavel e proveitoso este plano. O professor primario ficará conhecendo no curso normal a organização da bibliotheca, que elle manterá em sua escola. Os alumnos desta, habituados a ler, organizarão em casa a bibliotheca e o clube de leitura. Dotados de iniciativa e

solidarios com os professores e outros homens cultos, uns e outros, assim reunidos, hão de fundar na cidade a bibliotheca popular, donde brótarão, como indispensaveis á cultura, as bibliothecas circulantes, destinadas a levar para toda a parte seus excellentes livros.

O poder educacional da bibliotheca, organizada sob diversas fórmulas, cada qual aperfeiçoando-se continuamente, está comprovado de modo brilhante em muitos paizes civilizados, destacando-se entre elles os Estados Unidos, cuja circulação annual de livros apresenta uma somma de veras estupenda.

Passemos a encarar um momentoso problema educativo. Exceptuada a formação de professores primarios, que se acha entregue á escola normal, ainda não se formam professores para a referida escola, nem para o curso secundario ou superior. Os diplomados pelas escolas normaes, gymnasios e faculdades não se preparam para professores desses mesmos cursos, cujas cadeiras exigem especialização de materia, a qual não se compadece com o ensino seriado, visto ter esta finalidade extranha ao magisterio quer normal, quer secundario ou superior.

Um normalista, um gymnasiano, um bacharel ou doutor, só em virtude da obtenção de seu diploma, estará habilitado para ensinar, por exemplo, Portuguez ou Historia Natural ou Direito Civil ou Hygiene? Certamente que não, e por isso se exige o concurso.

Mas, é este quasi sempre occasional, no sentido de dar occasião ao estudo aprofundado da especialidade. Em tal caso, si sabe estudar e está affeito ao estudo methodico e intenso, com o qual adquiriu solidos conhecimentos, tem o candidato ao concurso probabilidade de habilitar-se na materia e vir a transformar-se em bom professor. No caso contrario, jamais será bom professor, tornando-se elemento indesejavel no magisterio, prejudicando a muitos e muitos juvenis intelligentes, cheios de esperança no futuro de sua carreira...

A formação da cultura nacional, em seus varios aspectos e consequencias, depende sobretudo de que, nas escolas, aprendamos a estudar, acostumando-nos

á leitura diaria e empenhando-nos para a fundação de bibliothecas. São palavras de Victor Hugo, que se ajustam á situação cultural de nosso paiz: «Uma alimentação de luz, eis o que é preciso para a humanidade. A leitura é o alimento».

Mediante a leitura attenta e continua, a escola primaria conseguirá a auto-educacão dos elementos populares, que assim hão de mostrar-se solidarios em sua cooperação indispensavel para o engrandecimento de nossa terra. Outro mais alto valor terão os profissionaes brasileiros de qualquer ordem, quando puderem illuminar pelo estudo a intelligencia que lhes não falta. Resolver-se-á o importante problema magisterial, dotando-se as escolas de habéis professores, que conheçam bem o que ensinar e como ensinar.

Entretanto, convem lembrar, a leitura recreativa, de agradável passatempo que é, pôde degenerar em vicio, consumindo inutilmente o tempo e fazendo o leitor esquecer-se de seu trabalho. Enleva-se elle nas peripecias dos romances, e passa a viver em outro mundo, com a imaginação ás soltas, em pleno dominio da fantasia. Deste modo, a leitura, em vez de ser um bem, torna-se um habito pernicioso, que releva afugentar quanto antes.

Alías, toda a exageração é prejudicial. A propria leitura de livros religiosos pôde conduzir-nos ao mysticismo, que ás vezes põe a meditação e a contemplação no lugar dos deveres profissionaes. O preceito evangelico manda *vigiar*: applique-se o mesmo ao exclusivismo religioso, que colloca a vida no céu, esquecendo-se de que ella ainda se acha na terra.

Entre a leitura e a arvore encontram-se analogias, que assim podem ser postas em paralelo:

Aprender a ler é como que plantar uma arvore:

A leitura está para o espirito tal qual a arvore para a terra. A arvore valoriza a terra; a leitura valoriza o espirito.

A leitura instrue. é alimento intellectual. A arvore dá fructos, é nutrição para o corpo,

A leitura representa uma das fontes mais puras de prazer. A arvore dá-nos prazer á sua sombra deleitavel.

A leitura moraliza, socializa o homem. A arvore purifica o ar que nos fortalece.

Aprender a ler e não ler equivale a privar-se de uma riqueza. Plantar a arvore e desprezal-a equivale a perder o trabalho. Aprender a ler é para ler, para nutrir o espirito. Plantar a arvore e tratar della, fazel-a beneficiar-nos.

A arvore, por meio de suas folhas verdes, absorve da irradiação solar a energia que alimenta a vida.

A leitura, franqueada pela escola e pela imprensa, assimila as lições que abrem novas estradas ao progresso.

Firmino Costa.

## Língua materna

¿ Bôlsa, no sentido de sacco, tem a mesma etimologia que bôlsa como praça de comércio, casa ou sala onde se juntam commerciantes, para jôgo de fundos públicos?

A bôlsa de couro chamavam os latinos *bursa*, do grego *byrsa*, courô, depois bôlsa de couro.

Designavam *marsupiu* ou *marsuppiu* a bôlsa guarneçada; depois marsupiu passou a ser nome de qualquer bôlsa, de qualquer sacco. Á de dinheiro, em regra, trazida á cintura, davam o nome de *zona*.

Marsupium e zona são, como bursa, de proveniência grega.

Marsupium deu *marsupialia*, donde o nosso termo *marsupial*, modo como, na classificação de Cuvier, se designava uma ordem de mamíferos, ainda chamados didelfos ou metaterianos, cujas fêmeas têm no ventre uma bôlsa onde os filhos, depois do nascimento, num estado para assim dizer larvários, permanecem por algum tempo. São de um de nossos grandes zoólogos estas palavras:

“Marsupiais... nem tôdas as formas da fauna brasileira possuem tal bôlsa que se atrofia em muitas. Neste último caso, a prole é carregada no dorso materno até perfeita condição de existência. Gambás, Cuicas, Cassacos, Raposas, tais são os nomes porque são conhecidos. Justamente as “Cuicas” são as formas desprovidas de bôlsas.” (Alipio de

Miranda Ribeiro. Zoologia brasílica. Pág. n. 126.)

Também há um batráquio, chamado *pipa*, que cria os filhos, até certa idade, em sacos que se formam no dorso das fêmeas.

Na formação da palavra *gambá* entram elementos que se referem á disposição anatomica dos marsupiais. Forma-se do tupi *gua*, seio e *ambá*, por *embá*, vazio. ôco.

Também são os gambás chamados sariguês, sarigueias, sornês, soriguês. Do tupi *coó-r-iguê*, animal de sacco.

Alguns autores chamam-lhes *filandras*, nome que, para outros, cabe a diversos marsupiais.

Está a palavra na 6ª edição do Morais assim:

“Philandra, s. f. Mamal pedimano,”

Figueiredo adianta um pouco e escreve:

“Philandra ou filandra, f. Nome de duas espécies de sarigueias e de um canguru da Índia. Do gr. *philos* + *aner*, andros.”

Tem o francês a forma *filander*, com a qual designa o animal a que também chama *sarigue*, palavra esta apresentada como de origem brasileira, de certo transformação de *coó-r-iguê*.

¿ Qual será a razão de se chamarem esses animais *filandras*, termo que, literalmente, vale por *amigo do homem*? No *Folclore*, por certo, há-de achar-se a resposta.

Também existe a dicção *filandra*, noutro sentido: Vejo no Bluteau:

“Filandras (termos de caçador). São uns bichinhos que se criam nas tripas de algumas aves e particularmente nos intestinos das aves de rapina. Por serem esses bichinhos tão delgados como fios, chamam-se filandras. Outros lhes chamam Filomeras...”

Ordinariamente ouço dizer o gambá e assim está em Figueiredo, em Morais, em Aulete-Valente, em G. Viava e no Dicionário de brasileirismos de Afrânio Peixoto. Também há quem diga a gambá e é essa forma que aparece no excelente livro de Miranda Ribeiro, acima citado.

Na Amazônia é o gambá dito *mucura*.

Não conheço a etimologia dos termos cuica, cassaco e mucura. O primeiro está registado em Figueiredo nestas palavras:

“Cuica. m. Bras. Rato anfíbio, malhado de preto e branco.”

Não são os ratos *cuicas*, embora chamem alguns autores ao «Eneias-de-Surinan», rato-de-surinan. Também a cuicas pequenas,

Peramis, chama o nortista rato catita. Reserva-se, em regra, a denominação de ratos a roedores. Ainda são as cuicas chamadas *guaiquicas* ou simplesmente *quicas*.

Cassaco, nome de um marsupial do género *Didelphis*, não está registado nos dicionários da língua. Em o norte, é comum chamar-se cassaco a trabalhadares de estradas-de ferro e a serventes de padarias, segundo leio no Dicionário de brasileirismos de Rodolfo Garcia.

Há um instrumento musical, de negros, espécie de tambor, *puita*, do africano *kipuita*, conforme ao que ensina Jaques Raimundo, um de nossos grandes sabedores de assuntos de linguas afronegras.

Está a palavra registada em quase todos os dicionários de brasileirismos. No de Beaurepaire Rohan lê-se: «Puita. s. f. Rio de Jan. Espécie de instrumento musical dos negros. Em Sergipe dão-lhe o nome de Vu. (João Ribeiro)»

Aqui no Rio, em nossos dias, mudam o nome de *puita* para *cuica*.

Voltemos aos termos da raiz de marsupiu.

Chamam-se ossos marsúpius ou marsupiais a dois que nos mamíferos dêsse nome se encontram adiante da pubes.

A qualquer coisa com forma de bôlsa dá-se o qualificativo de marsupial, nome que ainda é o de um género de equinodermas. Figueiredo, por engano, escreve: «Marsupial... género de moluscos do grupo das medusas».

As medusas são equinodermas, da classe das crinóides, classe assim chamada de *crinon*, lírio, porque alguns exemplares, v. gr., o que se apelida em francês *comatula*, «Antedon rosácea», deu a certo observador a impressão de ser um lírio.

A *toninha*, chamada «Franciscano», no Sul do Brasil, «*Stenodelphis blainvillei*», cetáceo marinho semelhante ao delfim, é dita, modernamente, *marsopa*, palavra que á primeira vista, parece da raiz de *marsupiu*, porém não o é.

Marsopa, português e castelhano, vem do baixo latim *marsupa*, termo formado de *mare*, mar e *sus*, porco. Cortesão filia nossa palavra no castelhano e dá este étimo: «Do al meers-chwein, de meer, mar e schwein, porco».

Nas velhas obras portuguesas são as toninhas chamadas porcos-do-mar, porque

têm elas «focinho como os de porco e também porque grunhem como porcos».

Meyer Lübck, no Dicionário, crê poder filiar marsopa em marsupium.

Mas, esse filólogo, que, ua opinião dos competentes, é dos maiores expoentes da Filologia românica de nossos dias, é fraco em castelhano e em português. Tenho motivos para crêr que êle não entende o português hodierno, a-pesar de citar, uma vez por outra, escritores de nosso evo e de ter feito algumas conferências em português.

A leitura do livro de Vicente Garcia de Diogo, «Contribucion al Dicionário hespânico etimológico», deixa claro que o mestre dos romanistas, em matéria de línguas da península ibérica não é autoridade. Passo para aqui algumas palavras de Diogo, referentes ao «Romanisches Etymologisches Wörterbuch»:

«Pero el estudio más detenido de la obra me ha echo ver que los errores materiales y de concepto eran considerables con relacion a las lenguas peninsulares, que las omisiones no eran lagunas fácilmente subsanables, sino que estas lenguas ofrecen; en una palabra, que se requeria, no um complemento de adiciones y enmiendas, sino a formacion de um diccionario hispanico, que recogiese y sistematizasse el gran caudal desconocido de la lengua escrita e hablada.»

(Prólogo).

—A respeito de *toninha*, escreve Cortesão: «Da b. lat. *tunnina* (do lat *thunus*) *tunnia*. Ex. *Medietatem* de lardo de *tunia*, et de *dulfino*. (Leges, ...). «A. Coelho diz que *toninha* além do cetáceo, é *atum novo*. Notemos, de passagem, que *atum* é peixe estrangeiro, *escombrideo*, semelhante a nossa *cavala* e as *toninhas*, ficou dito, são cetáceos.

A etimologia que aparece em A. Coelho e em Cortesão é a que se vê no Dicionário de M. Lübke verbete n. 8724.

Zona, como bolsa não ficou em português. Ficou no sentido de faixa, de cinta, de secção de esfera e, na lingagem médica, zona é nome de certa dermatose. Está na 1ª edição de meu Dicionário de termos médicos: «Zona. .... Dermatose caracterizada por erupção de vesículas dispostas em grupos no trajecto de nervos sensitivos».

Da mesma raiz há os termos médicos

zonal, zonulite, zônola de Zinn... Do nome de Zinn, João Godofredo, professor de Botânica em Gotinga, 1727-1759, formou Linneu o gênero *Zinnia*, dos sinanteráceas, e daí o nome da flor *zinia*, cultivada em nossos jardins.

— Bolsa, no sentido de praça comércio tem a mesma etimologia de saco, mas a razão do assim chamar-se não se liga a saco. Há quem diga que provém de nome próprio, o que não é rigorosamente certo. Parece que a primeira *bolsa* se fundou em Bruges e foi assim baptizada por estar o prédio em que funcionava numa praça onde havia um palácio dito das bolsas, palácio que tinha uma pedra de armas com três bolsas, escudo de uma família nobre, a de *Van-der-Bursen*.

Ainda há quem diga que foi um *Van-der-Bursen* o primeiro a imaginar um estabelecimento para compra e venda de títulos públicos...

Bolsa de socorro, bolsa de estudos... expressões muito correntes hoje, como caixa beneficente, caixa de auxílio, são de interpretação fácil e de certo se ligam ao termo *bólso*, que não é à justa, masculino de *ból-sa*, antes seu derivado.

Em muitos casos, existiu a forma de gênero masculino, ou com aspecto de masculino, e dessa derivou a feminina. De algumas feitas, porém, observou-se o contrário. A forma feminina, ou com aspecto de feminina, existiu antes da masculina e dela se originou a outra, como acontecem com *ból-sa*, com *viuva*, com *veia*, etc.

Houve o termo *viuva*, quando ainda não existia a palavra *viuvo*. Isso se explica, atendendo-se a condição mais delicadada, e por isso mais definida da mulher. Morto o marido, foi de mister um nome para designar o estado em que ficava a que com êle fôra casada. Formou-se, possivelmente, da raiz de *viduo*... are, tornar vazio, estar privado de, *viduua*, que designava a que perdera o marido ou o companheiro, por morte ou por outro motivo. Depois, séculos depois, surgiram os termos *viduus*, *viduvium*...

Há uma espécie de bolsa, dita «montepio» e «monte de socorro», nomes esses usuais aqui, mas, salvo engano, ainda não dicionarizados.

A um instituto para emprestar dinheiro sob penhor, que se fundou em Perúcia, e depois se espalhou, chamavam os italianos

*Monte-de-Pietá*, origem de nosso Montepio, de monte-de-socorro. A última expressão é oficialmente usada aqui, com o sentido primitivo. Montepio mudou de sentido; é a pensão que o Estado dá aos herdeiros de seus funcionários e também é a quota que o funcionário paga, mensalmente, para que seus herdeiros tenham direito à pensão. Na *Pre-feitura* o instituto de Montepio empresta dinheiro, creio, sob penhor de vencimentos.

Ninguém chama hoje montepio à casa que empresta sob penhor. Chama-se casa-de-penhor, casa-de-prego. A da Caixa Econômica é dita Monte-de-socorro.

— No «Dicionário bíblico universal», leio, no verbete relativo à bolsa:

A bolsa usada por Judas (João 12-6; 13-29) era uma pequena caixa, significando a palavra primitiva um estojo para guardar a embocadura de um instrumento.

Um saco de couro ou de seda, suspenso da cintura, que era usado pelos viajantes e também pelos negociantes, trazendo estes últimos nessa bolsa seu dinheiro e seus pesos...

— Na linguagem litúrgica, bolsa, sem qualificativo, é ua pasta de papelão, forrada de seda, ou de cetim, onde se guarda o corporal e com ela se cobre o cálice.

— No falar dos que não prezam a pureza da lingua, usa-se o termo francês *blague*, por mentira, por graça, e aquela palavra, remotamente é aparentada com *ból-sa*. *Blague*, em francês, era bolsa de fumo e, parece, também significava bexiga, coisa que pode tornar-se túmida. Tem o holandês *blagen*, o que se entumesce.

Noutro lugar tratei de duas palavras nossas, *aio* e *guaiaca*, que significam bolsa. Também noutro lugar examinei o termo *funda*, do provençal *fonda*, bolsinha.

— Da grafia certa *cetim*, em vez da errônea *setim*, tratei em «A Química na vida cotidiana», pág. n. 186. Escreve-se bolsa, porque há bolsa com o aberto, tempo do verbo *bolsar*.

Pedro A. Pinto

## Tres palavrinhas

ÇOÇA. — Assim se deve escrever em nossa lingua o nome do famoso monarca indú, que viveu no terceiro século antes da era cristã e que assegurou a vitória da religião

budista na India. Quanto á pronuncia, não pôde haver duvida: a palavra é paroxitona, e a vogal *o* profere-se aberta.

HAMILTON. — Nome de uma cidade da Escocia, nome de outra cidade no Canadá, nome de familia do famoso estadista norte-americano (Alexandre Hamilton), um dos colaboradores de George Washington.

No Brasil aparece-nos frequentemente como prenome, ou seja nome de batismo. Mas ha sempre hesitação na pronuncia: cai o acento tonico sobre a primeira sílaba ou sobre a segunda?

Em inglês pronuncia-se aproximadamente *hémilton*, com aspiração, e com acento tonico sobre a primeira sílaba. Portanto, ou pronunciamos á semelhança dos ingleses, ou aportuguesaremos o nome, conservando porém a acentuação tonica: *ámilton*.

CHIOGGIA. — Nome geográfico italiano. É pequena cidade na extremidade meridional da laguna de Veneza. A pronuncia é *quiodjia* (aproximadamente) Trago para aqui o termo porque ouvi alguém dizer *xiôjia* (!!), o que representa grande dispaupério.

MESTRE ESCOLA

## Escola Uruguay

Nota ao resumo do plano de trabalho, publicado em nosso numero de Junho passado.

Nosso plano de trabalho para 1935 tem por principal objetivo firmar conhecimentos e não tão somente aumentar o cabedal da criança.

Poderá, á primeira vista, parecer que em se tratando de um plano relativo aos 4º e 5º Anos, seja ele demasiado rudimentar, procurando noções elementarissimas, como sejam: separação de sílabas, acentuação tonica, emprego de maiusculas, etc. Naturalmente quando nos referimos a essas noções em turmas adiantadas, fazemo-lo empregando palavras menos comuns.

Quanto ao emprego da letra maiuscula não devemos esquecer que não é só nos nomes proprios e no inicio dos periodos que ela se usa. Ademais, ninguem ignora o atrazo que frequentemente se verifica no nosso meio escolar. Dar-se-á o caso de em outras escolas não haver necessidade de aplicar essas noções elementarissimas na

realidade. Oxalá assim fosse na nossa! Entretanto, uma observação acurada em torno de uma prova preliminar realizada antes da confecção do plano, permitiu-nos a inclusão desses topicos.

Ha necessidade de assinalarmos que a parte denominada «Conhecimento», aparentemente não apresenta sequencia em seus assuntos, por isso que se acham apenas os titulos desses assuntos, isto é, programas.

Sob essas denominações formam-se associações, concatenadamente, permitindo um perfeito encadeamento de ideias. Poder-se-á verificar essa associação no primeiro plano quinzenal de Abril. onde o primeiro titulo do «Conhecimento» corresponde, partindo-se de Ciencias Sociais, ao primeiro de cada uma das outras materias, o segundo, ao segundo e assim sucessivamente.

Não ha em nosso plano «Centros de Interesse», aproximando-se mais do método de projéto, visto ser a materia quinzenal, conhecida pela criança, (tarefas), distribuída semanalmente e sob quatro aspectos diversos: desquira ou investigação, observação, associação, expressão ou documentação. Assim sendo, cada assunto ocupa a atenção da criança apenas durante uma semana.

Longe se acha o nosso plano da perfeição; corresponde, apenas, a um esforço que fizemos no sentido de atender ás necessidades de nossos alunos, collocando-nos, de inicio, sob um ponto de absoluta sinceridade em relação ás falhas que notamos em nosso meio escolar.

Maria Navarro Barcellos

(coordenadora)

## Aplicação de testes na escola primaria

### LINGUAGEM

3º ANO

Bisque a frase numerada que melhor exprima o sentimento do paragrafo:

João e Nelson vão para a escola. Em

vez de irem muito quietinhos, vão brincando, pulando nos bondes, e assim Nelson cai machucando-se. Os colegas e professores ficaram muito tristes, quando souberam do que lhe acontecera.

- 1—Os meninos ficaram contentes.
- 2—O menino desobediente foi castigado por seu mau comportamento na rua.
- 3—Os meninos passeavam alegremente.
- 4—Os colegas o lastimaram.
- 5—João e Nelson não estudam.

2—Quem bateu á porta?  
um menino—um pobre—um amigo—um freguez.

Complete a frase abaixo, confôrme o sentido do paragrafo:

Luiza, tendo sidó muito travessa durante o ano todo, achou-se em dificuldades quando chegou o dia do exame.

Luiza sendo. . . . . não gostou do dia do exame.

5.º ANO

a) Compreensão de paragrafos.

*Sublinhar a sentença que dá a ideia principal.*

I—O jubilo que expandiu a fisionomia do diretor, eu proprio não o tive maior, com o abalo que sofri. Ele não se pôde conter e abraçou-me diante da classe.

Sempre austérra era a fisionomia do diretor.

Ele me abraçou carinhosamente deante da classe.

Experimentei franca alegria.

Em expansões de jubilo imenso, mostrava-se o diretor.

Senti jubilo imenso.

II—Ficando só com o mais velho dos irmãos, o enfermo ainda pediu um pouco de agua e contou difficilmente a sua história, parando de frásé em frásé.

O doente sentiu sêde.

O moribundo contou, difficilmente, sua triste história.

Estava em companhia do irmão.

Descansava, de frásé em frásé.

Seu estado era gravissimo.

III—Clamores unisonos saüdaram a vitória. O marquês, que tinha dobrado o joe-

lho com a fôrça do golpe, levantava-se mais branco do que um cadaver. Sem fazer caso dos que o rodeavam, tornou-se a abraçar com o corpo do filho, banhando-o de lagrimas e cobrindo-o de beijos.

O marquês dobrava o joelho com a fôrça do golpe.

Seu rosto estava mais branco do que o de um cadaver.

Comovido abraçou-se com o corpo do filho.

Tudo mais lhe era indiferente no momento.

A vitória foi saüdada com clamores unisonos.

IV—O espêlho das aguas, liso e polido como um cristal, refletia a claridade das estrelas que já desmaiavam com a aproximação do dia: tudo estava imovel e quêdo.

Que refletia o espêlho das aguas?

Como estava a natureza?

V—Uma infinidade de navios aportavam a todos os pontos do vasto Imperio como se dos fundos mares surgissem os gigantes monstros, que aí dormem séculos sem fim nas grutas imensas de coral tapetadas de sargaço.

Que figuravam os navios chegando aos pontos do vasto Imperio?

Saidos de onde?

20 pontos 4 por paragrafo.

b) Compreensão de sentenças.

*Grifar a resposta certa.*

I—Como um peregrino abençoado, o cafeeiro emigrou da sua patria de origem.

1—Compara-se o cafeeiro a um: coqueiro, emigrante, pinheiro, imigrante, jequitibá.

2—De onde emigou?

de um estado, da patria, do Oriente, do Norte, do Ocidente.

II—Ainda uma vez a mãe dágua, de olhos verdes e firmes afundou na corrente, e quando reapareceu trazia um machado de ferro.

1—Que instrumento trazia?

enxada, pá, ancinho, machado, serrote.

2—Como eram seus olhos?

verdes, grandes, azues, castanhos, pretos.

III—Fechada nas suas muralhas, er-

guia-se a cidade inimiga, numa ribanceira, alta e fragosa.

1—Onde ficava a cidade inimiga?  
no vale, planicie, colina, ribanceira, planalto.

2—Que é que a cercava?  
gradés, muros, árvores, montanhas, muralhas.

IV—Aproximava-se o bando impagável dos carangueijos, cada um com seu escudo ás costas.

1—Que fazia o bando impagável dos carangueijos?

mexia-se, aproximava-se, afastava-se, elevava-se, dispersava-se.

2—Que traziam êles ás costas?  
diamante, espada, escudo, placa, mochila.

V—Aos olhos embevecidos do gaúcho o animal melhor dotado, a sua jóia, o seu tesouro, é o cavalo, a êle tão necessário como o ar.

1—Qual a joia do gaúcho?  
o relógio, a lança, o cavalo, o laço, o lombilho.

2—O preferido animal lhe é tão necessário como?

a folha, a agua, o vento, o sol, o ar.

2ª PARTE

*Completar a afirmação, relativa à sentença.*

I—O primeiro homem que segundo lenda saboreou o café, foi um derviche.

—Segundo a lenda, foi um. . . . . que saboreou, em primeiro lugar, o café.

II—Cheio de espanto por aquêla subita parada, por aquêlo silêncio de morte o mostrador, de amarêlo que era, ficou branco como uma folha de papel.

—Amedrontado com a situação o mostrador tornou-se. . . . . como uma folha de papel.

III—Em meio da desordem dos elementos reinava, por toda a tripulação, a ordem.

—A ordem. . . . . por toda a tripulação.

IV—Certa noite, transportados em carreira vertiginosa pelos carros, vieram os bombeiros extinguir um incêndio que lavrava num casarão situado num dos bairros mais pobres da moderna Babilônia.

—O incêndio lavrava num. . . . . da moderna Babilônia.

V—Nêste mundo em que vivemos ha muita injustiça a reparar, muitos abusos a corrigir, muitas miserias a aliviar, muitas dores a consolar.

—Devemos reparar as. . . . . que praticamos nêste mundo.

## Pratica da Escola Nova

*Projeto: — O trem de ferro*

Palestrarei com os alanos sôbre o trem de ferro, procurando aproveitar os conhecimentos que êles já têm do assunto.

Reforçando as noções adquiridas pelas crianças, na vida prática, corrigirei as idéas erroneas e desenvolverei o plano «Trem de ferro», de acôrdo com o programa, abrangendo todas as disciplinas:

*Linguagem*—Darei a noção de substantivo próprio, citando os nomes das estações, dos edificios, rios, mórros por onde passou um aluno que descreveu nma viagem que fez pela Central do Brasil, e a escrita, no quadro, desses nomes e os das pessoas que tomaram parte na mesma vilegiatura. Decorrente daí, os nomes comuns dos frutos, queijos, doces e tudo mais que observaram na passagem e no próprio. Darei dessa fôrma, toda a parte de linguagem, demorando-me principalmente em redação de cartas, descrições de viagens e de convites para essas viagens. O vocabulario se enriquecerá com o emprego dos nomes técnicos das partes da composição, dos nomes dos diversos cargos ocupados pelos funcionarios da Estrada e á vista das paisagens descortinadas pela criança.

Aproveitarei essa parte para dar a sinonímia das palavras, usando o dicionário, e os antônimos, homônimos e parônimos,

do mesmo modo. Farei tambem o estudo de todas as ações decorrentes da viagem, tais como: viajar, comprar, pagar, saltar, acompanhar, vender, passear, observar, narrar, etc.

*Matemática* — Para ensinar a parte do programa referente á numeração, composição e decomposição de numeros, dinheiro, trôco, sistema métrico etc., falarei em número de passageiros, bilhetes, bancos, estações, bagagem, fardos, compras de frutas, doces e jornais, nas estações. Paralelamente a esse estudo, darei problemas de compra e vendas de frutas; divisão dessas frutas em metade, terça parte, quarta parte etc., para serem repartidas por pessoas da familia que viajam juntas.

A parte de Geometria será dada perfeitamente, baseando-se no plano. Por exemplo: linhas retas e curvas, paralelas, perpendiculares, mixtas, quebradas e sinuosas, falando dos trilhos, dormentes, desvios, postes, sinais e fios telegráficos; linhas divergentes e convergentes serão apresentadas concretamente na partida de trens da estação central para diferentes rumos e dos mesmos, dos diversos pontos para a estação central; os postes e os sinais, exemplificarão as linhas perpendiculares e oblíquas; ângulos, triângulos, e quadriláteros serão concretizados, nas várias fôrmas dos vidros das janelas e portas, bancos, chão, plataformas e outras cousas. Lembrarei as rodas, faróis e lanternas, para ensinar o círculo.

*Ciências*—O plano, presta-se muito bem para desenvolver o programa de ciências. Com a descrição do passeio poderemos tratar das plantas tropicais observadas no decorrer da viagem. Estudaremos a vida de cada uma, seus frutos, folhas, caule, raiz e o emprego que têm no Brasil e em outros países. Falarei tambem na maneira do transporte desses mesmos produtos naturais nossos, e nos de procedencia estrangeira. Nesse ponto, darei a parte do programa que trata da divisão do Globo, em zonas. Observando que há diversidade de produção e clima, de uma estação para outra, levarei os alunos á compreensão de que essa diversidade existe tambem nas diferentes partes do Globo e que os homens de cada uma dessas regiões têm maneiras próprias e diversas de alimentação, vestua-



A Carie Dentaria Retarda o Desenvolvimento Mental e Diminue a Resistencia Contra as Molestias

## A Carie Dentaria Será Vencida

O combate á carie dentaria, que uma proeminente autoridade dentaria declara ser mais valiosa do que se pensa, está disseminada pelo mundo todo. Os medicos e dentistas de muitos paizes, nos campos bacteriologicos, chimicos e de clinica medica, estão desenvolvendo valiosas informações no fito de chegarem a uma solução desse problema.

Desde que o Professor W. D. Miller em 1881 definitivamente ligou a bacteria oral com a carie dentaria, muitas theorias sobre a carie dentaria appareceram. Recentes investigações, entretanto, confirmaram definitivamente as conclusões do Prof. Miller de que as bacterias productoras de acido, são as responsaveis pela carie e que o estabelecimento de uma rigorosa asepsia buccal, trazendo o decrescimento da flora buccal, retarda grandemente a carie do dente.

Por isso, a pratica da hygiene buccal não deve ser descurada. Uma clara exposição ao cliente, sobre a relação entre a bacteria buccal e a ruina do dente e o modo correcto de utilizar-se da escova, estimulará ao cliente a pratica diaria da hygiene

ne buccal. O uso de um verdadeiro dentifricio antiseptico auxiliará a manter o bom estado da bocca, conforme as prescrições do dentista.

O creme dentifricio KOLYNOS, que destróe de 80 a 92 por cento das bacterias da bocca em cada escovadela, fornece um meio seguro para o combate á acção deletéria dos microbios sem que se verifique a menor injuria ao delicado tecido, emquanto que limpa a bocca e deixa os dentes admiravelmente polidos.

*A pedido os nossos distribuidores enviar-lhe-ão, com prazer, um pacote de amostras —gratis—*

Distribuidores:

**Paul J. Christoph**

Rua do Ouvidor, 98—Rio de Janeiro

**The Kolynos Company**

NEW HAVEN, CONN.

U. S. A.

rio e habitação. Confrontando as varias fôrmas de viver do homem atual com a vida selvagem (vido primitiva), demorarei com essa parte do estudo referente ao selvagem do Brasil.

Para tratar do vapor dagua me basearei na observação que fizeram da «fumaça» da chaminé e dos jactos de vapor no momento de parada do comboio, e, do gelo, nos carros frigorificos, já conhecidos por muitos alunos. Partindo da palestra do ca-

lor e do frio, chegaremos á temperatura, e daí, ao sol, nas suas diferentes posições, e consequentemente trataremos das estações do ano. Logo em seguida, terei facilidade em estudar o vestuario, sua procedencia e uso, focalizando, igualmente, a vida dos vegetais e animais, e sua classificação. O estudo do corpo humano completará essa palestra.

Dinah Guahyba

“A ESCOLA PRIMARIA”

De conformidade com o acordo estabelecido entre a Diretoria de Educação e a Administração desta revista, todos os diretores de grupos escolares, escolas primarias e cursos populares noturnos receberão um exemplar de cada numero d'«A Escola Primaria», o qual deverão conservar na «Biblioteca Escolar», como propriedade do estabelecimento que dirigem.

N. da Red.

Assistencia Dentaria Escolar

Chamamos a atenção dos senhores dentistas escolares para o grande sortimento de artigos dentarios, que a CASA. CIRIO oferece em optimas condições.

Ouvidor, 183 — Phones, 22-9249 e 22-9446

CASA AZAMOR

RUA DO OUVIDOR, 55 — TEL. 23-0249 — RIO DE JANEIRO  
UNIFORMES. Bluza, 5\$000 — Saia, 4\$000 — Calças, 3\$000  
— Meninos, completo 8\$000 — Meninas, completo 9\$000.  
ALPERCATA AZAMOR. 18 a 26, 3\$300 — 27 a 32, 4\$300 — 33 a 40, 5\$300

Casa Orlando Rangel

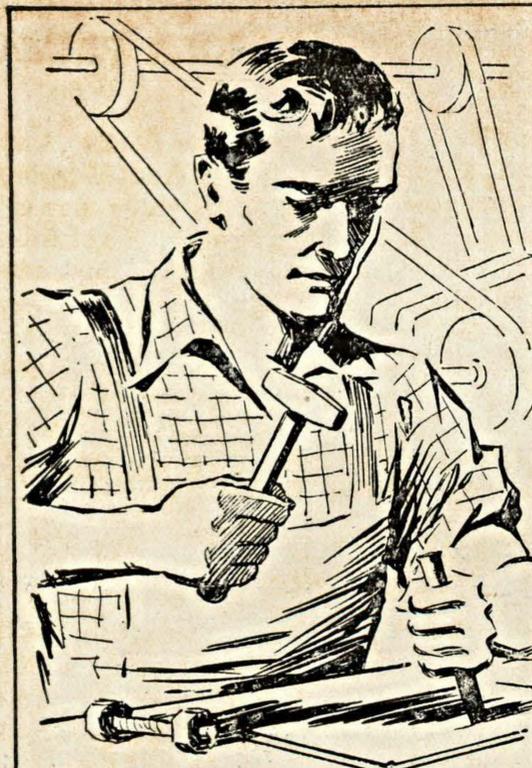
DROGARIA E PERFUMARIA

Rangel Costa & Cia.

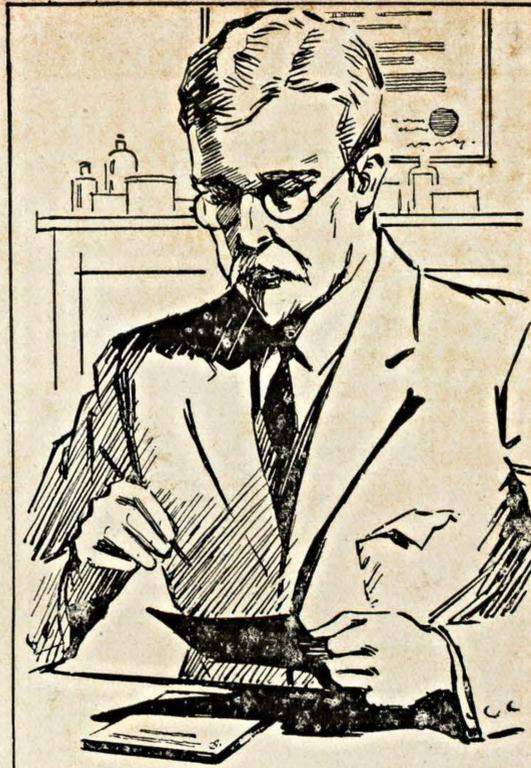
Grande deposito de drogas, productos quimicos, especialidades farmaceuticas e perfumarias, nacionaes e estrangeiras

83, Rua Republica do Perú, 83 — Rio de Janeiro

A que mais barato vende perfumarias



Um Mechanico?



Ou um Medico?

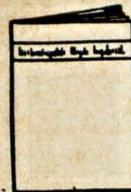
— o Sr. póde resolver agora qual delles será o seu filho!

Quantas vezes o Sr. olhou para seu filho e imaginou o que elle poderia ser aos 18 ou aos 25 annos? Mas, porque não fazer alguma cousa, em logar de imaginar? Porque não traçar seu futuro, agora mesmo?

Cada anno a aspera competição na luta pela vida assignala maiores vantagens para aquelles que cursaram as escolas superiores. Dê a seu filho uma oportunidade, uma excelente oportunidade para elle fazer valer seus dotes intellectuaes, tornando-o

beneficiario do novo Seguro de Educação apresentado pela “Sul America”.

Esta apolice vem garantir as futuras despesas de inscripção, matricula, taxa de frequencia e certificados exigidos pelas escolas superiores, além de livros custosos e roupas que o rapaz necessitar. O novo plano de Seguro de Educação estabelece mensalidades para o estudante e ainda lhe dá, precisamente quando elle se fórma, uma apreciavel quantia em dinheiro para o inicio de sua carreira. Envie o coupon ao lado á “Sul America” e o Sr. receberá um interessante folheto sobre o custo da educação em nosso paiz.



A' Sul America

Caixa Postal, 971 — RIO DE JANEIRO

Devejo receber — sem obrigação de minha parte — o novo folheto “Como Garantir a Educação dos Filhos”.

ZZ-3

Nome \_\_\_\_\_  
Rua \_\_\_\_\_  
Cidade \_\_\_\_\_  
E. de Ferro \_\_\_\_\_

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida  
Fundada em 1895

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO S. PAULO BELLO HORIZONTE  
Rua do Ouvidor, 166 — Rua Libero Badaró, 49, A — Rua da Bahia, 1052

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

## HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$600
2.º Livro de Leitura.....	1\$000
3.º Livro de Leitura.....	1\$000
4.º Livro de Leitura.....	1\$000

## THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$600
2.º Livro de Leitura.....	1\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000
5.º Livro de Leitura.....	4\$000

## SERIE FIGGARI-BARRETO

1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$000
Cartilha Analitica.....	1\$800
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura...	1\$500
Cartilha.....	2\$000
Leitura preparatoria.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000

## JOÃO KOPKE

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500
4.º Livro de Leitura.....	3\$500
Leitura Praticas.....	2\$000
Fabulas (em verso).....	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2.º anno.....	2\$500
Leitura para o 3.º anno.....	2\$500
Leitura para o 4.º anno.....	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	3\$500

## JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	5\$000
Selecta Classica.....	6\$000

## ASSIS CINTRA

Pequenas Historias.....	2\$500
-------------------------	--------

## O. BILAC e M. BOMFIM

Atravez do Brasil.....	4\$500
Leitura complementar.....	4\$000
Livro de composição.....	4\$000

## CARMEN GILL

Instrucção Civica.....	4\$000
------------------------	--------

## ALTINA DE FREITAS

Cartilha.....	2\$000
---------------	--------

## ANNA CINTRA

Ensino Completo de Leitura...	1\$500
-------------------------------	--------

## A. JOVIANO

Primeira Leitura (para crianças)	2\$000
Primeira Leitura (para adultos).	2\$000
Lingua Patria—1.º Livro.....	4\$000
“ “ —2.º Livro.....	5\$000
“ “ —3.º Livro.....	5\$000

## MARIA DO CARMO P. NEVES

Exercicios de Linguagem — (1., 2.º e 3.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem — (4.º e 5.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem — (6.º e 7.º annos).....	4\$000

## MANOEL BOMFIM

Primeiras Saudades.....	4\$000
Creanças e Homens.....	3\$000

## E. DE AMICIS

Coração.....	4\$000
--------------	--------

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente...	4\$000
------------------------------	--------

## BILAC e C. NETTO

Contos Patrios.....	3\$500
Patria Brasileira.....	3\$500
Theatro Infantil.....	2\$500

## ALBERTO DE OLIVEIRA

Céo, Terra e Mar.....	4\$500
-----------------------	--------

Remettemos nosso catalogo gratis para todo Brasil